



RECORTES DA FEMINILIDADE PEDOFILIZADA NOS PRODUTOS MIDIÁTICOS COMO MANIFESTAÇÕES CULTURAIS

Marina Mentz ¹

Resumo: O estudo discute a espetacularização da erotização infantil, sob aspectos da pedofilização de meninas e mulheres, ao observar propagandas, reportagens e outros produtos midiáticos que se utilizam de imagens de crianças. Sob as discussões de autores como Cuché, Santos, Woodward, Hall e Bauman, além de Charaudeau, Meyer e Felipe, são explorados os conceitos de cultura, representação, gênero, identidade, pedofilização e manifestações culturais que abordam esses aspectos. Foi possível perceber a repetição de marcadores de gênero e conjuntos de regras que normatizam o modo de ser menina, garota e mulher sob os olhos da mídia.

Palavras-chave: Comunicação. Cultura. Feminilidade. Gênero. Pedofilização.

PEDOPHILIZED FEMININITY IN MEDIA PRODUCTS AS A CULTURAL MANIFESTATION

Abstract: This study discusses the spectacularization of eroticizing children, under aspects of the pedophilization of girls and women. In the discussions by authors like Cuché, Santos, Woodward, Hall e Bauman, and Charaudeau, Meyer e Felipe, Culture, gender, identity, pedophilization and cultural manifestations that address these aspects. It was possible to see the repetition of gender markers and sets of rules that normalize the way of being girl and woman under the eyes of the media.

Keywords: Communication. Culture. Gender. Pedophilization.

1. Introdução

O presente trabalho apresenta uma breve contextualização sobre os conceitos de cultura, identidade e representação, e como estes estudos atravessam as questões de gênero representadas nas manifestações culturais mais diversas. Nesse sentido, o objetivo desta

¹Doutoranda em Processos e Manifestações Culturais, pela Universidade Feevale Jornalista. E-mail: marinamentz@gmail.com





pesquisa é apresentar brevemente alguns exemplos que explanam a pedofilização, bem como apresentar este conceito, no qual meninas são convidadas a reproduzirem vestimentas e comportamento de mulheres adultas, enquanto o universo infantil é usado como um fetiche para ilustrar a representação de mulheres adultas como crianças. O estudo faz parte da pesquisa intitulada 'Quando a pauta é silenciada: um estudo sobre a violência sexual contra crianças no jornalismo online brasileiro' (MENTZ, 2017).

Para isso, se fazem fundamentais as pesquisas Cuché (1996), Santos (1983), Woodward (2000), Hall (1999) e Bauman (2005), ao tratar de cultura e identidade, enquanto embasamentos teóricos acerca dos estudos de Charaudeau (2009) auxiliam na compreensão sobre processos comunicacionais. As discussões sobre os estudos de gênero a partir das pesquisas de Meyer (2003) auxiliam na elucidação deste conceito.

Para pensar estes temas, o presente estudo apresenta algumas manifestações da cultura que se expressam através da mídia, que se compõe de um mosaico entre novelas, filmes, canções, produtos licenciados, publicidade e outras esferas. Para auxiliar nas análises as pesquisas de Felipe (2003) também figuram neste artigo.

Assim estabelecidos os principais teóricos a serem utilizados como base desta pesquisa, são apresentadas a seguir as seções *Cultura e Identidade*, *O Conceito de Gênero* e *O Mundo a Interpretar*. Após, explora-se a análise debruçada sobre as manifestações culturais de programas de TV, produtos publicitários, músicas e notícias, no capítulo *Mapeando a Feminilidade Pedofilizada nas Mídias*.

2. O Caminho Teórico

Nesta seção do trabalho, serão apresentados embasamentos teóricos acerca dos estudos de Charaudeau (2009) sobre processos comunicacionais, além de teorias sobre o conceito de cultura e identidade a partir de Cuché (1996), Santos (1983), Woodward (2000), Hall (1999) e Bauman (2005), e discussões sobre os estudos de gênero a partir das pesquisas de Meyer (2003).

2.1 Cultura e Identidade

Definir o conceito de cultura é uma situação que nos oportuniza observar a diversidade de estudos acerca deste tema. Ao mesmo tempo, é complexo conceituar cultura pela mesma razão. Comumente associada ao conhecimento, práticas rebuscadas ou conhecimento



acadêmico, a palavra cultura não tem “equivalente na maior parte das línguas orais das sociedades que os etnólogos estudam habitualmente”. (CUCHÉ, 1996, p. 17). De acordo com o autor, isso não significa que essas sociedades não tenham cultura, mas apenas que não se colocam a pesquisar ou definir qual é esse conjunto de hábitos e práticas que os caracteriza.

Para compreender como o conceito se dá nas ciências sociais, Cuché (1996) apresenta uma cronologia da palavra cultura a partir do idioma francês, e, embora seja um termo antigo, só recebeu significado próximo ao que conhecemos hoje por volta de 1700 – até então era associado unicamente a ideia de progresso, evolução, educação, razão e outros.

O termo "cultura" no sentido figurado meça a se impor no século XVIII. Ele faz sua entrada com este sentido no Dicionário da Academia Francesa (edição de 1718) e é então quase sempre seguido de um complemento: fala-se da "cultura das artes", da "cultura das letras", da "cultura das ciências", como se fosse preciso que a coisa cultivada estivesse explicitada. A palavra faz parte do vocabulário da língua do Iluminismo, sem ser, no entanto, muito utilizada pelos filósofos. (CUCHÉ, 1996, p. 20).

Segundo Cuché (1996), progressivamente o termo foi se bastando sem seus complementos e sendo associado a “cultura como estado de do espírito, cultivado pela instrução, estado do indivíduo que tem cultura”. (CUCHÉ, 1996, p. 20). Somente no século XVIII é que cultura começa a ser sinônimo de civilização, sendo civilização então definida, segundo o autor, como um processo de melhoria das instituições, da legislação, da educação. “A civilização é um movimento longe de estar acabado, que é preciso apoiar e que afeta a sociedade como um todo, começando pelo Estado, que deve se liberar de tudo que é irracional em seu funcionamento”. (CUCHÉ, 1996, p.22). O autor afirma ainda que neste momento, finalmente, a civilização se estendia a todos os povos que compunham a humanidade. Mesmo aparecendo neste momento no mesmo campo semântico que civilização, cultura, contudo, se referia aos progressos individuais, enquanto civilização dizia respeito aos progressos coletivos e avanços em coletivo.

Em contraponto, os alemães tinham a palavra *kultur* com um sentido restrito, de uso dos intelectuais alemães em críticas políticas. Assim, cultura, nesse período, se relacionava ao aprofundamento e valorização das artes, da literatura e da história do povo.



Duas palavras vão lhes permitir definir esta oposição dos dois sistemas de valores: tudo o que é autêntico e que contribui para o enriquecimento intelectual e espiritual será considerado como vindo da cultura; ao contrário, o que é somente aparência brilhante, leviandade, refinamento superficial, pertence a civilização. A cultura se opõe então à civilização como a profundidade se opõe à superficialidade. (CUCHÉ, 1996, p. 25).

De acordo com Cuché (1996), no século XIX, com o surgimento da etnologia, é que os estudiosos vão em busca de aspectos além da biologia para explicarem a diversidade dos grupos humanos, avançando, com isso, o conceito de cultura. Nesse sentido, houve quem utilizou mapeamentos e comparativos para medir o avanço entre culturas primitivas e modernas, no caso do antropólogo Edward Burnett Tylor. Franz Boas, por outro lado, foi o primeiro a realizar pesquisas *in loco* para observação direta de culturas primitivas e, de acordo com ele, cada cultura é dotada de um estilo particular, que influencia o modo de ser dos indivíduos. William Summer, por sua vez, foi quem cunhou de forma inédita o termo etnocentrismo – que designa a comparação de culturas distintas, tendo como referência uma “cultura ideal”, ou seja, um modelo a ser seguido.

Já para Santos (1983), são os diferentes modos de organização de vida social que mobilizam o desenvolvimento da humanidade, cujas transformações são registradas pela história de forma abundante. O autor afirma que cultura diz respeito à humanidade como um todo – grupos, povos, nações, sociedades – e existe em grande variação, e que cada realidade cultural tem sua lógica interna.

As variações nas formas de família, por exemplo, ou nas maneiras de habitar, de se vestir ou de distribuir os produtos do trabalho não são gratuitas. Fazem sentido para os agrupamentos humanos que as vivem, são resultado de sua história, relacionam-se com as condições materiais de sua existência. (SANTOS, 1983, p. 8).

Para Santos (1983), falar sobre cultura pode nos ajudar a refletir e pensar sobre a nossa própria cultura. Segundo o autor, essa “é uma maneira estratégica de pensar sobre nossa sociedade, e isso se realiza de modos diferentes e às vezes contraditórios”. (SANTOS, 1983, p. 9).

Mas assim como as definições de cultura são variadas, mais diversas ainda são as culturas existentes. Para Santos (1983), a



variação e o sentido dessa diversidade se explicam a partir da evolução humana e sua ocupação geográfica.

A partir de uma origem biológica comum, os grupos humanos se expandiram progressivamente, ocupando praticamente a totalidade dos continentes do planeta. Nesse processo, o contato entre grupos humanos foi frequente, mas a intensidade desses contatos foi de forma a permitir muito isolamento, e muitas histórias paralelas marcaram o desenvolvimento dos grupos humanos. O aceleração desses contatos é recente, e os grupos isolados vão desaparecendo com a tendência à formação de uma civilização mundial. (SANTOS, 1983, p. 9).

Por isso, o autor afirma que as culturas se transformam e variam de acordo com as condições do ambiente, da natureza, recursos disponíveis e a possibilidade de alterações destes, como a domesticação dos animais, plantio, e outros aspectos. Assim, não seria possível comparar culturas em razão da hierarquização, pois "cada cultura tem seus próprios critérios de avaliação e que para uma tal hierarquização ser construída é necessário subjugar uma cultura aos critérios de outra". (SANTOS, 1983, p. 11). Para o autor, em uma tentativa de classificar culturas através de uma linha de evolução única é ingênua e se liga diretamente a discriminação, porém, em contraponto, relativizar de forma total o estudo das culturas "desvia a atenção de indagações importantes a respeito da história da humanidade" (SANTOS, 1983, p. 13). Para ele, não se pode refletir sobre cultura ignorando reconhecer as desigualdades de poder existentes dentro de cada cultura entre os indivíduos que dela fazem parte. Como exemplo, o autor fala da população brasileira, que de um estado para outro, apresenta ampla variedade.

Existem realidades culturais internas à nossa sociedade que podem ser tratadas, e muitas vezes o são, como se fossem culturas estranhas. Isso se aplica não só às sociedades indígenas do território brasileiro, mas também a grupos de pessoas vivendo no campo ou na cidade, sejam lugares isolados de características peculiares ou agrupamentos religiosos fechados que existem no interior das grandes metrópoles. Pode-se tentar demonstrar suas lógicas internas, sua capacidade de emitir pronunciamentos, de interpretar a realidade que as produz, de agir sobre essa realidade. (SANTOS, 1983, p. 16).



Para Santos (1983), é através da relação entre as duas concepções básicas sobre cultura que se compreende o que é cultura. A primeira delas remete a todos os aspectos de uma determinada realidade social, e a outra se volta especificamente ao conhecimento, às ideias e crenças de um povo. Assim, como definição, o autor diz que cultura diz respeito a tudo no aspecto social e existe em todos eles, sem exceção.

Cultura é uma construção histórica, seja como concepção, seja como dimensão do processo social. Ou seja, a cultura não é algo natural, não é uma decorrência de leis físicas ou biológicas. Ao contrário, a cultura é um produto coletivo da vida humana. Isso se aplica não apenas à percepção da cultura, mas também à sua relevância, à importância que passa a ter. Aplica-se ao conteúdo de cada cultura particular, produto da história de cada sociedade. Cultura é um território bem atual das lutas sociais por um destino melhor. É uma realidade e uma concepção que precisam ser apropriadas em favor do progresso social e da liberdade, em favor da luta contra a exploração de uma parte da sociedade por outra, em favor da superação da opressão e da desigualdade. (SANTOS, 1983, p. 37).

Assim, pode-se afirmar que a cultura é a dimensão da sociedade que inclui todo o conhecimento e como esse conhecimento é expresso entre os indivíduos. Por esse motivo, não se pode falar em cultura sem falar sobre identidade. Essas questões estão ligadas no sentido que o indivíduo se identifica com uma determinada cultura quando assimila seus elementos e se sente vinculado a ela.

Afirmando que identidade é relacional, Woodward (2000) defende que a identidade é marcada pela existência de outras identidades e pelo que ela não é. Para a autora, o que o indivíduo usa, por exemplo, se relaciona diretamente com sua identidade – isso porque a identidade é marcada por meio de símbolos, sendo a identidade de um sujeito tanto simbólica quanto social. Adiantando o pensamento da autora, Hall (1999) definira identidade como um processo amplo de construção dialógica com a cultura.

Assim, é possível perceber que o conjunto de significados partilhados, do qual resulta a cultura, é a origem do raciocínio de Hall (1999) sobre o funcionamento da linguagem como processo de significação. A linguagem também é fundamental quando se fala sobre cultura e identidade, pois é através dela que se atribui sentido a algo. De acordo com Hall (1999), é através do uso que fazemos das coisas,



do que e como falamos, pensamos e sentimos que significamos o mundo.

De acordo com Hall (1999), o sujeito pós-moderno compreendeu as identidades contraditórias existem e se deslocam de acordo com o que é vivenciado por este.

2.2 O Conceito de Gênero

Como indivíduos inseridos em determinada cultura, somos convidados constantemente a preenchermos expectativas impostas, formas de ser. Talvez as mais rígidas formas impostas sejam as de gênero, ou seja, o que se espera do “ser homem” e o que se espera do “ser mulher”. De acordo com Meyer (2003), o movimento feminista argumentou que são os modos pelos quais características femininas e masculinas são representadas como mais ou menos valorizadas e as formas pelas quais se reconhece e distingue feminino e masculino é que vai constituir o que passa a ser definido e vivido como masculinidade e feminilidade em determinada cultura e contexto histórico. Segundo ela, a partir disso, “um grupo de estudiosas anglo-saxãs começaria a usar, então, o termo gender, traduzido para o português como gênero a partir do início da década de 70”. (MEYER, 2003, p. 14).

Através desse conceito, os estudos pretendiam mostrar que o gênero era construído socialmente e não tinha relação direta a um sexo anatômico que pudesse lhe dar diferenças inatas e naturais, argumentando assim que as diferenças e desigualdades entre homens e mulheres eram social e culturalmente construídas e não biologicamente determinadas.

O conceito de gênero privilegia, exatamente, o exame dos processos de construção dessas distinções – biológicas, comportamentais ou psíquicas – percebidas entre homens e mulheres; por isso, ele nos afasta de abordagens que tendem a focalizar apenas papéis e funções de mulheres e homens para aproximar-nos de abordagens muito mais amplas, que nos levam a considerar que as próprias instituições, os símbolos, as normas, os conhecimentos, as leis e as políticas de uma sociedade são constituídas e atravessadas por representações e pressupostos de feminino e de masculino e, ao mesmo tempo, produzem e ressignificam essas representações. (MEYER, 2003, p. 16).



Reforçando que esses atravessamentos constantes nos indivíduos é o que constroem determinado vir a ser, Meyer (2003), aponta alguns aspectos importantes sobre o conceito de gênero, ao dizer que o processo de constituição de gênero não é linear e nunca está finalizado ou completo, sendo construído pela passagem do indivíduo em diferentes práticas ou instituições sociais. Além disso, a autora teoriza sobre o peso do contexto histórico-social no qual o indivíduo está inserido e sua relação com a construção de gênero deste. Contudo, a autora reforça que o conceito de gênero não tira a importância do corpo material ou dizendo que este não importa, “mas mudando o foco dessas análises: do ‘corpo em si’ para os processos e relações que possibilitam que sua biologia passe a funcionar como causa e explicação de diferenciações e posicionamentos sociais”. (MEYER, 2003, p. 19).

Ao longo deste artigo, apresentarei outras interfaces sobre o conceito de gênero e seu peso na construção identitária dos indivíduos, conforme apresentado na sequência.

2.3 Mundo a interpretar

Como uma reguladora de forças, a linguagem se mostra fundamental ao se discutir comunicação e representação. A linguagem, como um objeto opaco, ou seja, complexo e não transparente, é um dos caminhos para a realização dos processos comunicacionais, sendo uma forma de representar as ações humanas. É ela quem estabelece questões de onde, como e para quem se fala, por exemplo. De acordo com Charaudeau (2009), a informação se constrói através de um discurso, que, por sua vez, faz uso da linguagem, e depende do campo dos conhecimentos, da situação da enunciação e do dispositivo em que está inserido. De acordo com o autor, a circunstância do discurso define-se como o conjunto de saberes que circulam entre os protagonistas da linguagem neste mundo a interpretar.

Quando se dá no espaço público, a comunicação tem como interpretante um corpo múltiplo. Este grupo é formado por membros heterogêneos, o que, mesmo em forma de coletivo, não possibilita que haja inocência entre enunciador e interpretante. Essa relação pertence a um jogo do incerto, no qual não há garantia de interpretação daquele que ouve uma fala como supunha o que a manifesta, levando em conta que toda fala é portadora de complexa significação. Assim, os saberes são correlativos à dupla dimensão entre explícito e implícito (CHARAUDEAU, 2008, p. 44), e fazem parte do ato da linguagem como encenação. Além disso, o autor afirma que a comunicação é um processo discursivo em que não cabe ingenuidade, ou seja, pensar que



a comunicação se estabelece entre emissor e receptor é um pensamento primário.

3. Mapeando a Feminilidade Pedofilizada nas Mídias

As construções identitárias de gênero começam desde muito cedo para um indivíduo. Assim, se olharmos com atenção, percebemos modos de viver feminilidades e masculinidades por toda parte, desde o início da vida de uma criança. Meyer (2003) afirma que as incursões para a construção identitária de gênero, por vezes, surgem através de estratégias sutis, refinadas e naturalizadas, o que pode torná-las difíceis de reconhecer. A autora diz que, nesse sentido, ampliar a noção de educação para outras instâncias que vão além da escolarização e família.

Entre essas forças estão, como referi, os meios de comunicação de massa, os brinquedos, os jogos eletrônicos, o cinema, a música, a literatura, os chamados grupos de iguais, os que produzem, por exemplo, diferentes e conflitantes formas de conceber e de viver o gênero e a sexualidade, de conceber e de se relacionar com autoridades instituídas, de conhecer o eu e o outro, e que redefinem mesmo os modos com que temos teorizado o currículo, o ser professor, o ser alunos e os processos de ensino e aprendizagem. (MEYER, 2003, p. 22).

Mesmo requerendo um olhar mais detalhado, os elementos culturais que influenciam nessa construção são latentes. E uma, entre as muitas, das formas em que esse “conjunto de regras” se dá, é a mídia, que, como uma manifestação cultural, expressa via novelas, filmes, propagandas, músicas e outros artifícios, as formas de ser para cada gênero.

No caso dos indivíduos do gênero feminino, é possível perceber a dupla imposição que se contrapõe: por um lado, as mulheres são convidadas a serem meigas e delicadas, por outro, meninas muito pequenas são enquadradas em comportamentos e vestimentas de mulheres adultas. A erotização precoce das meninas e a fetichização por mulheres que parecem mocinhas é naturalizada através de canções, publicações jornalísticas, coleções de moda. Alguns produtos culturais nos ajudarão a mostrar essa relação no decorrer deste estudo. Lançado nos anos noventa, o “Tamanquinho da Tiazinha”, por exemplo, convidava meninas a reproduzirem a fantasia e, por consequência, a prática de uma personagem de um programa



televisivo adulto, no qual a atriz Suzana Alves usava uma máscara em seu rosto e um chicote para “domar” homens enquanto os depilava em rede nacional, em um claro fetiche sadomasoquista. Na mesma década, concursos de “loira do Tchan”, “dança da bundinha” e “boquinha da garrafa” em versões mirins, geravam pontos de audiência em um programa dominical¹, fazendo alusão às bailarinas do grupo É O Tchan.

Dando um salto dos anos noventa para 2015, temos a ascensão de fenômenos musicais mirins, no qual também se percebe o convite às meninas que reproduzam práticas de mulheres, e a aproximem da vida adulta. Através de inquérito aberto pelo Ministério Público de São Paulo, artistas mirins, tiveram suas músicas e coreografias investigadas, por se parecerem inadequadas para suas faixas etárias e forte conteúdo erótico, além de apelo sexual². Entre as investigadas, a menina de nove anos Gabriela Abreu, conhecida nas mídias sociais como MC Melody. Já tendo protagonizado vídeos como um em que aparece fazendo a coreografia da canção “Quadrado de Oito”, do grupo Bonde das Maravilhas, MC Melody, no mesmo ano deste inquérito, protagonizou um quadro do programa Pânico na Band³, no qual faz uma reprodução do clipe Bang, canção originalmente de Anitta. No vídeo, a menina aparece imitando os gestos da funkeira adulta, jogando cabelo, rebolando e dublando a canção.

Ao revisitar Woodward (2000), a autora afirma que ao tentar reproduzir uma identidade, os sujeitos da história criam uma nova identidade. Ao tentar reafirmar uma tradição, quem o faz é o sujeito que constrói sua identidade agora, e não quando essa tradição se estabeleceu. Segundo ela, a redescoberta do passado é caracterizada por conflito, contestação e uma possível crise.

Em consonância a esses produtos culturais que resultam em grande audiência via mídia televisiva ou de internet, podemos observar

¹ O programa *Domingo Legal*, produzido pelo SBT, estreou em 1993, apresentava formato popular e de auditório. Desde sua estreia, contou com quadros que presenteavam espectadores com dinheiro ou presentes, visitavam suas casas, ajudavam algum telespectador a reencontrar familiares, reconstruíam casas muito danificadas, mostravam a intimidade de artistas, realizam concursos de dança e exibiam bailarinas e assistentes de palco com poucas roupas. <SBT.com.br>. Página visitada em 25 de setembro de 2014.

² A declaração foi dada pelo promotor Eduardo Dias de Souza Ferreira, em entrevista para o jornal Folha de S. Paulo.

³ O programa em questão teve seu lançamento em 2003 sob o título de *Pânico na TV*, exibido até 2012 pelo canal RedeTV!, após, mudou-se para a Rede Bandeirantes, que passou a veicular o chamado *Pânico na Band*. Tendo recebido críticas desde seu lançamento na RedeTV!, o programa se utiliza de quadros grotescos para comunicar-se com seu público.



o reflexo da violência relacionada à violação de direitos humanos na internet. A Safernet Brasil¹ divulgou, em seu relatório anual, que, em 2014, entre as 189.211 denúncias realizadas, 51.553 configuravam pornografia infantil na internet – esse número representa 27% do total. No mesmo ano, a organização registrou um aumento de 192%, em relação a 2013, nas denúncias de páginas relacionadas ao tráfico de pessoas, no qual a maioria delas fazia alusão ao agenciamento de pessoas para a prostituição, incluindo adolescentes, para as cidades que seriam sede da Copa do Mundo. Para a Felipe (2003), que pesquisa sobre a erotização dos corpos infantis, falar em pedofilização como prática social contemporânea, não é defender a ideia de que os corpos infantis sejam assexuados.

O que procuro chamar atenção com este conceito de pedofilização é mostrar qual é mesmo o projeto que estamos, enquanto sociedade, enquanto produtores de uma determinada cultura, desenvolvendo para as crianças. As crianças, no instante em que nascem, já podem perceber que seu corpo (e o corpo de outros) é fonte de prazer e satisfação. Na medida em que a criança vai crescendo, ela vai se dando conta e explorando seu próprio corpo e passa a ter interesse pelos corpos de outros que percebe como diferentes do seu. [...] O problema é quando ela começa a aprender qual é o valor atribuído a determinados corpos nesta sociedade. Alguns corpos (e comportamentos) valem mais do que outros, são mais valorizados que outros. Temos hoje a centralidade do corpo belo (leia-se magro, jovem, sarado), erotizado, como se os sujeitos (leia-se mulheres e meninas) só valessem à pena pela capacidade de sedução. Este último aspecto parece ser imprescindível hoje no processo de embelezamento de meninas e mulheres. Temos então o fenômeno de perpetuação desesperada da juventude, mulheres que se lançam nas plásticas, nas dietas, que não podem ter uma ruga sequer. Aumenta hoje de forma significativa o número de meninas preocupadas com sua aparência, a ponto de adoecerem. (FELIPE, 2003, p. 4).

De acordo com a autora, na mesma medida em que a sociedade faz leis para proteger a infância e adolescência, também espetaculariza os corpos das crianças e sua sexualidade de forma precoce. Além disso, o conceito de pedofilização pesquisado por Felipe (2003), também se desdobra em outras duas interfaces, na qual uma é a apresentação de

¹ A Safernet é uma organização não governamental que busca transformar a internet em um ambiente ético e responsável. Uma de suas principais atividades é a coordenação de uma central de denúncias contra crime de direitos humanos na internet, desde 2006. A Safernet conta com a cooperação entre os 48 países membro do INHOPE, associação internacional de canais de denúncia, para a detecção e remoção das imagens de abuso sexual infantil em sua causa.



meninas de forma erotizada através de ações e vestimentas, ou seja, aproximando-as de mulheres adultas; enquanto a outra utiliza o universo infantil de forma fetichista ao alimentar a infantilização de mulheres adultas. Felipe (2003) afirma que a pedofilização é uma forma de violência emocional praticada contra meninas e mulheres, medindo a valia e qualidade dessas pessoas através de seus corpos altamente erotizados.

Observando dados diversos sobre violência, é possível perceber que grande parte das vítimas são mulheres, que, quando em situação de violência, são agredidas diariamente em 38,72% dos casos, de acordo com dados da Secretaria de Políticas para Mulheres da Presidência da República. Os dados foram divulgados no Balanço dos atendimentos realizados de janeiro a outubro de 2015 pela Central de Atendimento à Mulher da SPM/PR. Entre os casos denunciados neste período, 85,85% foram situações de violência doméstica e familiar contra as mulheres. Assim como os dados já citados para as crianças, no caso das mulheres, a maioria dos casos de violência (67,36%) tem como agressor algum homem próximo da vítima, companheiros, cônjuges, namorados, ex-companheiros, ex-cônjuges, ex-namorados. Em 27% dos casos o agressor era um familiar, amigo, vizinho ou conhecido.

Em 2014, o Disque-Denúncia Nacional da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República registrou 91.342 denúncias de violações de direitos de crianças e adolescentes. Entre os principais fatores que incidem diretamente sobre o problema e contribuem para a vulnerabilidade destes indivíduos estão as questões de inclusão e desigualdade social por motivos financeiros, étnicos e de gênero. Ainda de acordo com dados do SDH/PR, também em 2014, entre os 13 tipos de violações registradas pelo órgão, a violência sexual ocupa o 4º lugar, com 25% dos casos. Negligência (74%), violência psicológica (49%) e violência física (43%) estão entre as violações mais denunciadas, respectivamente.

O perfil das vítimas de violência também pode ser observado a partir de outros dados do SDH/PR, mostrando a questão de gênero envolvida diretamente no problema, enquanto mostram que, em 2014, 47% são meninas, 38% meninos, enquanto em 15% o gênero não foi informado no momento da denúncia. Em relação à faixa etária das crianças, o maior número fica para as crianças entre 8 a 14 anos (40%), seguido das vítimas entre 0 e 7 anos (34%) e, por fim em 13% denúncias em casos em que a vítima tem entre 15 e 17 anos. Dados do Ministério da Saúde, em 2011, afirmam que a violência sexual



contra crianças até nove anos representa 35% das notificações totais feitas ao órgão naquele ano.

Ao alcançar a idade adulta, o índice de violência sexual cai, se comparado às taxas deste tipo de crime contra crianças. Nos dez primeiros meses de 2015, entre um total de 63.090 denúncias de violência contra a mulher, 3.064 enquadram violência sexual, ou seja, 4,86% dos casos. Porém, quase como um ciclo vicioso, entre as vítimas que relataram agressões através do serviço de denúncia, 80,72% afirma que um ou mais filhos presenciaram ou também sofreram violência.

As expectativas sociais para as mulheres se modificam de acordo com o momento histórico e contexto em que os indivíduos estão inseridos. Porém, alguns marcadores se destacam nesse conjunto de regras criado de forma coletiva para que as feminilidades se expressem no mundo. Na fase da adolescência, as meninas também são cercadas por manuais que normatizam como se deve viver, ao que se deve voltar atenção e interesse nessa fase da vida. As manifestações culturais, nesse sentido, fazem um trabalho completo. Lançada em 2008, a campanha "Ruffles do seu jeito", utilizava um conjunto de estereótipos de gênero para vender batatinhas para meninas e meninos. Tanto os comerciais, quanto a embalagem e formato do salgadinho em si, eram diferentes para o público feminino e masculino. Na embalagem de Ruffles voltada às garotas, o símbolo de Vênus, o fundo rosa, imagem de borboletas e a figura de uma adolescente, com letreiro que alertava para o "o sabor suave e cremoso do Cream cheese, em uma batata lisa, mais fina e delicada foi desenvolvida"; enquanto a embalagem que abrigava batatas masculinas ostentava o símbolo é Marte, bola de futebol, guitarra e a figura do jovem, sob a defesa de um "sabor mais intenso e marcante: Costelinha Barbecue, com ondas maiores e mais grossas". A heteronormatividade também é vista nas embalagens, levando em conta que, no verso da embalagem, quando se juntam, menino e menina se beijam.

Para o comercial de TV1, os produtos para ambos gêneros obedeciam ao mesmo formato: um cenário que simula um consultório ou laboratório científico mostra o jovem com eletrodos colados na cabeça, enquanto uma voz em off narra que "para criar um novo sabor de Ruffles para meninas, analisamos o que elas pensam". Em seguida, simula-se a visão do que uma pré-adolescente teria dentro de seus

¹ O comercial criado pela AlmapBBDO, e, de acordo com a agência, buscam mostrar que as novidades foram criadas a partir do desejo dos meninos e das meninas. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=cinByy_luIw>. Acesso em: 10 ago. 2016.



pensamentos, e enquanto imagens são mostradas, a voz em off lista “sapatos, ioga, livros, gatos, balada, sapato de novo, amigas, mais gatos, fofoca, viagem, outro gato, dança, flores, namorado, beijo, opa, beijo lembra queijo: nova Ruffles cream cheese, lisinha e suave do jeito que as meninas gostam”, conclui a narração. Funcionando sob a mesma lógica, o filme publicitário voltado aos meninos, mostra que tudo o que os meninos pensam é em “mulher, mulher, mulher, a mulher veio de uma costela: nova Ruffles costelinha, do jeito que os meninos gostam”. Percebe-se que a construção de normativas de gênero é usada em questões inimagináveis, como neste caso, cujo produto a ser vendido é um salgadinho.

Em outro produto midiático, a questão da normativa sobre a feminilidade das garotas aparece em comentários de uma mídia social, ocasião em que a atriz mirim Maisa Silva, de 14 anos, foi alvo de ataques em sua página em julho de 2016. De acordo com reportagem veiculada¹ sobre o fato, a ação foi coordenada por um grupo virtual intitulado “Vai Chorar Mesmo”, em que um dos membros incentivou outros participantes a enviarem comentários de cunho sexual para a menina, através da fala: “entrem lá e falem sobre o ‘pornoção’ dela quando completar 18 anos”. A página da garota, com isso, foi inundada com mensagens deste teor.

Já na esfera jornalística, outra atriz mirim tem sido pauta de notícias no que diz respeito sua aparência e relacionamentos – claramente tratados pela imprensa como aspectos de uma mulher adulta. Em uma reportagem veiculada em 2016², a vida amorosa de Larissa Manoela, de 14 anos, é especulada através da exposição de um perfil de seus dois ex-namorados, além de um colega de cena a quem a mídia “espera” que ela venha a se relacionar. Sob o título “Veja o que os ex-namorados de Larissa Manoela tem em comum com João Guilherme”, a notícia compara a aparência dos adolescentes e do ator colega de garota e questiona “será que Larissa tem uma queda por morenos?”. Além disso, a matéria, ao citar que Larissa Manoela, quando tinha 13 anos, namorou um rapaz de dezesseis, diz que a atriz enfrentou polêmica pela diferença de idade entre o “casal”, e que, portanto, o fato de João Guilherme ser mais jovem que ela, não seria

¹ Reportagem da Revista Fórum. Disponível em <http://www.revistaforum.com.br/segundatela/2016/07/09/atriz-maisa-silva-de-14-anos-e-vitima-de-assedio-na-internet/>. Acesso em: 10 de ago.2016.

² Reportagem do portal R7. Disponível em: <http://entretenimento.r7.com/pop/fotos/veja-o-que-os-ex-namorados-de-larissa-manoela-tem-em-comum-com-joao-guilherme-14102015#!/foto/8>. Acesso em: 10 ago. 2016.





um problema. Para concluir a reportagem o texto declara que o jornal em questão está “torcendo para a felicidade dos dois”.

Elucidando as interpretações, Bauman (2002, p. 32) conceitua a certeza dúbia ao qual o homem estaria condicionado, quando teoriza que “as duas coisas de que mais temos certeza hoje em dia é que há pouca esperança de serem mitigadas as dores de nossas atuais incertezas e que mais incerteza ainda está por vir”. Inquietação e ansiedade são marcadores recorrentes e marcantes da pós-modernidade apontada por Bauman (2002), um reflexo do processo de contínua mudança pelo qual passa a cultura, o que “conspira contra toda a estrutura e particularmente contra estruturas sólidas e coercivas”. (BAUMAN, 2002, p. 156). Como forma de complementar esse raciocínio, o autor teoriza que:

[...] quando falamos hoje de cultura, o que nos vem à mente não é a imagem de uma totalidade coerente e coesa, fechada e autossustentada, com partes claramente articuladas e intimamente entrelaçadas, mas o quadro de uma vasta matriz de possibilidades nas quais incontroláveis combinações e trocas não absolutamente coordenadas podem ser feitas e com efeito o são. (BAUMAN, 2002, p. 155).

De acordo com conceito de pedofilização que circunda as sociedades, de Felipe (2003), a infantilização das mulheres também é uma forma de erotizar o mundo infantil. A canção gauchesca de Xirú Missioneiro é apenas um dos exemplos de manifestação cultural em que a pedofilização se mostra. Intitulada “Tchu Tchuquinha”, a canção conta, em primeira pessoa, a história de um homem que se apaixona por uma mulher de baixa estatura. Em todo o texto da música, diminutivos povoam as rimas e aproximam a imagem da mulher à uma menina – ao falar sobre delicadeza, desejo de pegar no colo, “fazer beicinho” e outras adjetivações que aproximam ao mundo infantil. Na antecipação do refrão a música diz que “quem conhece o que é bonito, duvido que ache defeito / um corpinho escultural delicadinho desse jeito / garanto que não há outra fogosa como ela é / piquininha e fogosinha, chuchuzinho de muié”.

No refrão, um coro de vozes femininas bastante agudo entoia o trecho que diz “se agarra no meu pescoço que gracinha que ela é / quando tenta me dar um beijo fica na ponta do pé / a tchu tchuca tchu tchuquinha tem tudo o que as outras têm / e o que as grandonas fazem a tchu tchuca faz também”. De acordo com Charaudeau (2008), o ato de linguagem resulta de um jogo do implícito e do explícito, e, em razão disso, vai nascer de circunstâncias específicas, vai se realizar no ponto de encontro entre produção e interpretação, e vai ser encenado por



duas entidades desdobradas em sujeito de fala e sujeito agente. (CHARAUDEAU, 2008, p. 52). No caso da música exemplificada neste estudo, o enunciador manifesta aspectos do universo infantil para descrever uma mulher, tornando a música um claro exemplo do processo de pedofilização.

Um verdadeiro xodózinho quando tá triste eu consolo/ tá de beicinho caído eu pego e boto no colo / cubro ela de carinho nos braços levo ela pra cama / e deixo tirando fogo no quarto, incendeia em chama / já tive tantas mulheres entre loiras e morenas / mas tudo o que mais queria encontrei nesta pequena / **ela é tão pequenininha que às vezes fico com dó** / mas na cama mata a pau um verdadeiro xodó (grifo nosso)¹.

De acordo com Santos (1983) não se pode discutir cultura ignorando a existência de relações de poder. Podemos pensar essas tensões entre homens e mulheres, crianças e adultos, e outros díspares, tendo em vista que a principal causa de diversificação dentro de uma mesma sociedade se dá, principalmente, a partir do posicionamento que temos dentro do processo de produção. Essa diferenciação vai gerar um conjunto de regras, normatizações sobre um determinado modo de viver. As manifestações culturais aqui citadas, que mostram os indivíduos femininos circundados por normatizações em diferentes fases de suas vidas, funcionam como expressões desses setores.

Basicamente há setores que são proprietários das fábricas, fazendas, bancos, empresas em geral, e há aqueles que constituem os trabalhadores dessas organizações. Quando se fala sobre classe social é frequentemente a respeito dessa diferenciação que se está fazendo referência. Essas classes sociais têm formas de viver diferentes, enfrentam problemas diferentes na sua vida social. (SANTOS, 1983, p. 42).

Para o autor, por mais diferentes que sejam entre si, nenhum grupo no interior de uma sociedade tem uma cultura totalmente isolada ou autônoma. Assim, trazendo os exemplos acima citados, é preciso fazer referência aos processos sociais mais amplos. De acordo com o autor, "a discussão de cultura sempre remete ao processo, à

¹ MISSIONERIO, Xirú. Tchu Tchuquinha [S.l., 2017?]. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/xiru-missioneiro/tchu-tchuquinha.html>>. Acesso em: 10 abr. 2017.



experiência histórica. Não há sentido em ver a cultura como um sistema fechado. Isso não quer dizer que não possamos estudá-la". (SANTOS, 1983, p. 63).

4. Considerações finais

Em um cenário como o que se vive hoje, não é possível dizer que tenhamos evoluído significativamente nas questões de gênero e direitos das minorias. Mesmo assim, percebe-se que pequenas mudanças têm se expressado em torno desses temas. A problematização das questões via mídias sociais e outros portais de internet, têm colocado a palavra gênero em discussão. Campanhas feministas através de hashtags, como #primeiroassédio, por exemplo, contribuíram para a exposição de algumas situações vividas por mulheres de diferentes idades, em diferentes fases de suas vidas, que antes nem se pensava expor.

Tendo em vista a proposta de realizar uma aproximação entre conceitos de cultura, identidade, representação e gênero, o presente trabalho relacionou recortes midiáticos com os estudos dos autores citados, sendo possível, assim, perceber algumas convergências e marcadores de recorrência entre eles.

Através das análises, foi possível perceber que cada peça deste mosaico que é são as manifestações culturais, se posicionam os conjuntos de regras que normatizam o modo de viver a feminilidade em todas as idades, sempre tendendo a representar a mulher como um objeto que tem valor através de seu corpo ou do que possui. A beleza e o comportamento exposto na mídia não representam, sequer minimamente, a diversidade e complexidade que existe entre as mulheres. Considerando a erotização precoce das meninas, podemos, sem esforço, perceber que as meninas são circundadas por um mundo publicitário no qual são ensinadas a serem lindas, sexys e alcançarem o sucesso através dos produtos de beleza que têm. Ali, crescem buscando identificação identitária de gênero em personagens como Tiazinha, Barbies, cantoras famosas, quando não estão praticando a função de maternagem com suas bonecas – o que também lhes aproxima do mundo adulto. Em contraponto, os altos índices de violência sexual, psicológica e física contra mulheres e meninas, figuram as pesquisas desde muito tempo.

Questionar esses entrecruzamentos constantes é inerente ao campo de pesquisa da cultura, considerando as manifestações processos sociais, portanto culturais.



REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e Ambivalência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1999.

CHARAUDEAU, Patrick. *Identidade social e identidade discursiva: o fundamento da competência comunicacional*. Le Site de Patrick Charaudeau, [S.l.], 2009. Disponível em: <<http://www.patrick-charaudeau.com/>>. Acesso em: 28 maio 2016.

CHARAUDEAU, Patrick. *Linguagem e discurso: modos de organização*. São Paulo: Contexto, 2008.

CUCHÉ, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru: Edusc, 1996.

FELIPE, Jane. Erotização dos corpos infantis. In: MEYER, D.; SOARES, R. (Orgs.). *Corpo, Gênero e Sexualidade*. 2. ed., Porto Alegre: Mediação, 2004.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

MEYER, Dagmar. Gênero e Educação: Teoria e Política. In: MEYER, D.; SOARES, R. (Orgs.). *Corpo, Gênero e Sexualidade*. 2. ed., Porto Alegre: Mediação, 2004.

SANTOS, José Luiz dos Santos. *O que é Cultura?*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

WOODWARD, Kathryn. *Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual*. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. *Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 11. ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

Recebido em: 5 de outubro de 2019.

Aceito em: 12 janeiro de 2020.

